

PERIFERIA
ESPERANÇA

PERIFERIA ESPERANÇA


Projeto
1ª CENA
DRAMATURGIAS

giostri

Título Original
Periferia Esperança

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P442

Periferia Esperança / organizado por Leonardo Cícero Santos.
São Paulo : Giostri, 2020. 110 p. : 14cm x 21cm.
ISBN: 978-85-516-0442-7
1. Teatro. 2. Dramaturgia brasileira. 3. Peça. 4. Periferia.
5. Projeto 1ª Cena - Dramaturgias. 6. Usina dos atos. I. Santos,
Leonardo Cícero. II. Título.

2020-280

CDD 792.0981
CDU 792(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Dramaturgia brasileira 792.0981
2. Teatro : Dramaturgia brasileira 792(81)

Editor Responsável Alex Giostri
Coordenadora Editorial Isabela Delambert
Arte de capa Joel Produções Visuais
Designer Gráfico André Ximene
Revisão final de texto Giostri Editora Ltda.

Leonardo Cícero (org.)

Periferia Esperança

1ª Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2020

1 - Dramaturgia brasileira
2 - Teatro

1ª Edição
Giostri Editora LTDA.



Giostri Editora


Rua Rui Barbosa, 201


Bela Vista - SP / CEP: 01326-010


Tel.: (11) 2309.4102 / 2729.0201


contato@giostrieditora.com.br


mkt@giostrieditora.com.br

giostrieditora.com.br 

/giostrieditora 

GiostriTV 

@giostrieditora 

giostrieditora.blogspot.com.br 

*A todos os corpos históricos de
Alexandra Saldanha, Deuzelita Soares,
Josefa Nunes, Josicleide Oliveira, Laureci Dutra,
Lourdes de Almeida, Lucinéia Brandão,
Luzimar Pinheiro, Marconiza Correia,
Margarida Alacoc, Maria Simplicio,
Neuza Dutra e Roze Guedes.*



AGRADECIMENTOS

Somos gratos pelos encontros que nos atravessaram por todo processo de formação e criação. Pelo constante discernimento, sabedoria e parceria do Paulo Reis, pelas palavras de carinho e afeto da Manoela Silva, pelo suor incansável e alegria do João Bindandi, pelo cuidado e simplicidade da Beatriz Mei, pelo partilhar da Karen Nunes, pela espontaneidade e entrega do Ada Anjos, pela dedicação, força e sonhos do Caio Teixeira, e pelas trocas com Adriana Campos, Ana Alice Rocha, Bruna Oliveira, Bruno Silva, Guilherme Santos e Virleine de Araújo.

Por fim, agradecemos a Escola Miguel Vieira Ferreira por sua abertura, em especial ao Diretor e Prof^o João Carlos M. Oliveira, e também a toda equipe do Núcleo Comunitário de Cidadania Amigos da Paz e a Coordenadora Maura Cristine Silva pela fraternal acolhida.

“Aos esfarrapados do mundo
e aos que neles se descobrem e,
assim descobrindo-se,
com eles sofrem,
mas, sobretudo,
com eles lutam.”

PAULO FREIRE



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
AUTORES	14
PERIFERIA ESPERANÇA - A PEÇA	17
A CRIAÇÃO	
INÍCIO	77
TEMÁTICA	78
ESCRITA	80
ESTÉTICA DE MONTAGEM	82
QUEM SÃO?	84
CORPO E MÚSICA	85
POR QUE ESPERANÇA?	86
BREVE BIOGRAFIA DOS AUTORES	88
EQUIPE USINA DOS ATOS	97

PERIFERIA ESPERANÇA

APRESENTAÇÃO

Em 2010, o Coletivo Usina dos Atos criou o Projeto 1ª CENA, uma iniciativa de arte educação voltada para jovens moradores de regiões periféricas da Cidade de São Paulo, especialmente das Prefeituras Regionais de Cidade Tiradentes e Guaianases, na Zona Leste e Capela do Socorro e Parelheiros, na Zona Sul. O projeto oferece oficinas técnicas de Teatro, Dramaturgia e Dança e oficinas socioculturais de Comunicação e Repertório e Cidadania e Política. Ao longo de cada turma, os jovens participantes são instigados a criar, expressar seus sentimentos e compartilhar suas vivências com os demais colegas, por meio das mais diferentes ferramentas artísticas e de comunicação, entre elas a poesia e a dramaturgia.

Muitas histórias e conteúdos potentes surgiram ao longo dos processos de formação e trocas, e isso inspirou o Coletivo Usina dos Atos a estruturar um projeto de publicações, que pudesse formalizar esses conteúdos produzidos pelos jovens autores. Uma forma de profissionalizar e divulgar o trabalho artístico deles e ao mesmo tempo multiplicar essas experiências e conhecimentos com diferentes pessoas,

sem contar o papel de incentivo à produção escrita por parte de outros jovens. Nesse cenário o time Usina dos Atos criou os selos **1ª CENA Dramaturgias** e **1ª CENA Poesias**, desdobramentos da iniciativa mãe.

Em 2020, graças a conquista do edital PROAC de Produção e Publicação de Obras Teatrais, finalmente pudemos tirar o projeto do papel, produzir e lançar o volume nº 1. O texto escolhido para abrir essa série de publicações é ‘Periferia Esperança’, resultado do processo de formação da turma seis do Projeto 1ª CENA, da Zona Sul.

Nas próximas páginas, será possível deglutir os sentimentos de uma narrativa que nos aproxima da periferia, tão marginalizada pelas diferentes instituições e pelo poder econômico, e pouco reconhecida por suas histórias e potências. Logo após, você poderá acompanhar como se deu o encontro e a escrita dos 13 autores envolvidos nesta obra, experiência narrada pelo educador, diretor e organizador dramaturgic Leonardo Cicero. E, por fim, um álbum de fotos da primeira montagem do espetáculo, na intenção de transmitir aos leitores, ainda que estaticamente, o prazer e a alegria de poder levar esta peça para tantas pessoas.

Que esta publicação seja uma luz, uma oportunidade de incentivo a produção cultural, a literatura e a dramaturgia, especialmente periféricas. Que os nossos jovens possam se sentir capazes e instigados a criar, que não tenham medo de contar suas histórias e mostrar suas realidades. Que consigam olhar para além das paredes, grades e barreiras que são postas, todos os dias, em seus caminhos, seja na escola, nas ruas, em casa, seja pela falta de infraestrutura adequada em seus

locais de moradia, de um transporte público mais humano e para todos, de relações mais saudáveis e empáticas.

A partir deste momento, a obra Periferia Esperança está à disposição de todos, jovens, educadores, coletivos, grupos de teatro e tantos outros leitores que folhearem estas páginas. Que ela possa chegar aos locais mais distantes, promover o diálogo, a arte e, sobretudo, renovar as esperanças!

Sim, a Periferia será o país e terá suas histórias contadas!

Caio César Teixeira

*Idealizador do Projeto 1ª CENA
e Membro do Coletivo Usina dos Atos*

• AUTORES •

LEONARDO CICERO SANTOS

DIRETOR E ORGANIZADOR DRAMATÚRGICO

ADRIANO SOUZA SILVA

AGATHA REINATO PEREIRA

BEATRIZ BRANDÃO DE ASSIS DUTRA

BEATRIZ SOARES DE CARVALHO

CARLOS HENRIQUE OLIVEIRA SALDANHA NAKAMURA

EDILSON LINCOLN DE PAULA

LARISSA ALACOC RIBEIRO CARDOSO

LORENA PINHEIRO DOS SANTOS

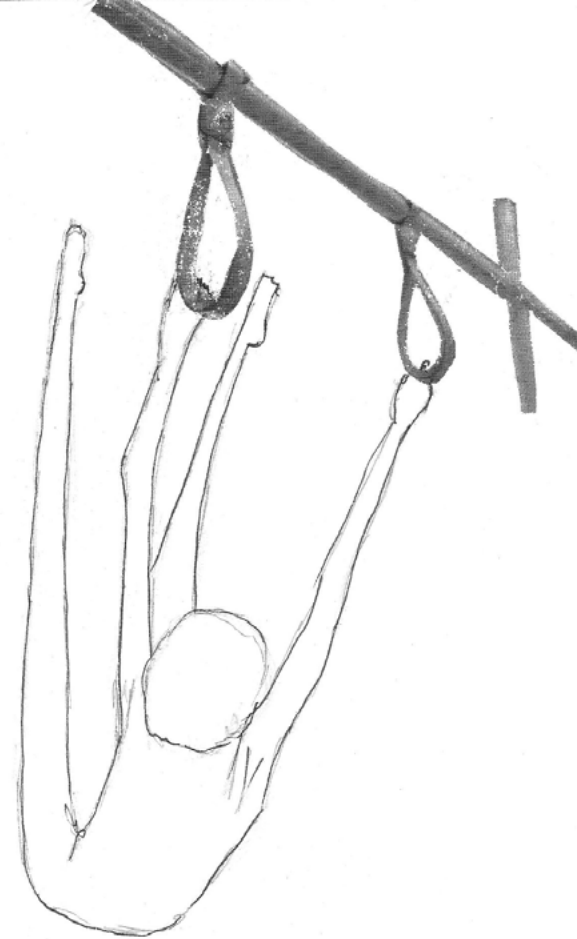
MARIANA DUTRA DE MENEZES

MICAELE OLIVEIRA DOS SANTOS

MIRIAN SILVA DE ATAÍDE

ROBSON CORREIA DA SILVA

PERIFERIA
ESPERANÇA



A PEÇA

ATO I

AMBIENTE: Corredor comprido.

DISPOSIÇÃO: Duas filas de público encostadas nas paredes do corredor, o elenco realiza as cenas no meio por toda extensão do espaço.

CENÁRIO/LUZ: Luz natural.

ABERTURA

COREOGRAFIA - T.U.M
Todos em Único Movimento.

CENA 1
FLUXO PERIFÉRICO

Corpos caminhos. Parece impossível traçar todo o percurso de um corpo. Do momento que nasce, a cada passo conquistado, um corpo caminha por corredores, salas, casas, prédios, ruas, travessas, avenidas, a vida de alguém é um corpo em movimento. E cada passo, cada ida, cada vinda de um corpo é uma história pra ser contada.

MULHER 1 – Ôh, Joana, minha filha, tô indo no mercado.

MULHER 2 – Tá bom, mãe, não esquece o presunto.

HOMEM 1 – Carlinhos, simbora meu filho, vai chegar atrasado na escola.

HOMEM 2 – Cadê a blusa, mãe?

MULHER 3 – Atrás da porta, meu filho.

MULHER 4 – Vó, não se esquece, amanhã tem médico.

MULHER 5 – Já separei tudo, minha filha, cartão do SUS, carteirinha do posto e os exames tudo que o doutor pediu.

HOMEM 3 – Tia, a dona Marilda veio aí, pediu pra senhora dá um pulo lá depois.

MULHER 6 – Tá bom, vou na Salete fazer a unha e dou uma passada lá.

Cada passo, cada ida, cada vinda de um corpo é uma história que todo dia é escrita e a gente nem percebe.

Onde é que teu corpo acorda todo dia?

Meu corpo acorda na minha cama uai. Lá na minha caminha no (bairro).

Todos repetem com seus respectivos bairros.

Meu corpo acorda no (bairro)

São todos corpos periféricos.

Periferia. O termo refere-se às zonas de uma cidade que estão em torno do centro histórico; os subúrbios de uma cidade. Em economia, a periferia designa o conjunto dos países subdesenvolvidos, em oposição ao centro, constituído pelos países industrializados e avançados.

Não sou do centro, meu corpo nasceu na margem, com a força dos guetos vieiras, por onde ainda escorre a água

mal encanada, de um saneamento complexo, com políticas públicas desgastadas.

Meu corpo periférico não é central, mas é histórico.

Se desenvolveu na fila do sus, na carteira da escola pública, no transporte cheio de uma SPTrans corrupta.

Meu corpo periférico industrializou este país.

CORO realiza som de vários despertadores.

RADIALISTA – São quatro horas da manhã. O café preto tá no fogo. Seu José pega a marmitta, dá um beijo na Maria, de relance olha as criança ainda na cama, sozinho pisa na rua, céu ainda tá escuro, latido de cachorro lá no fundo. É a periferia acordando pra construir a São Paulo capital.

MÚSICA – SAIU DE NÓS

*A periferia acordou, despertou.
A periferia levantou, espreguiçou.*

*Saiu daqui o porteiro de Pinheiros.
Saiu daqui o manobrista da Paulista.
Saiu daqui o copeiro de Moema.
Saiu daqui, saiu dali, saiu de lá, de nós.*

*Saiu daqui a faxineira dos Perdizes.
Saiu daqui a babá do Morumbi.
Saiu daqui a garçonete da Berrini.
Saiu daqui, saiu dali, saiu de lá, de nós.*

O centro histórico tem seu teatro e mercado municipal, Viaduto do Chá, Vale do Anhangabaú, Mosteiro de São Bento.

CORO – E o que é que a periferia tem?

O centro histórico tem suas ruas e avenidas Barão de Itapetininga, Ipiranga, São João, Santa Efigênia.

CORO – E o que é que a periferia tem?

O centro histórico tem a história do café, do modernismo, das diretas já.

CORO – E a periferia o que é que tem?

CENA 2
MEU CORPO HISTÓRICO

MIGRANTE – Tem a minha história.

Tua história, mulher?! Quem é que conta tua história?

Tá escrita num livro?

Alguém colocou na novela?

MIGRANTE – Meu corpo é quem conta minha história. Todo caminho pisado com os pés, tudo que minhas mãos tocaram, aquilo tudo que meus olhos viram, é o meu corpo quem conta, é periferia que vive em mim.

Aos 18 anos, minha irmã mais velha, a Terezinha, me mandou um dinheiro para comprar a passagem que me levaria pra São Paulo, fazia tempo que eu esperava por esse dia. Eu vim lá de Caxias, Maranhão.

Mamãe me disse pra ir direto para a casa da tia Luzinete. O ano que eu passei lá, ela me ajudou em tudo, me abrigou na kitnet e me levava para conhecer a cidade. Aqui era tranquilo, fresquinho, com muita luz, comércio, até a noite tinha movimento.

E era a noite que eu aproveitava para ligar pra minha mãe. A gente utilizava orelhão naquela época e eu chorava muito com saudade dela, nem conseguia falar. A Terezinha minha irmã que contava como a gente estava, mamãe nem queria saber sobre a cidade.

A gente estava empolgada morando com a nossa tia, longe do meu pai, tudo era do nosso jeito. Logo minha irmã me arrumou um emprego numa gráfica, me dizia que

não era para aceitar qualquer tipo de empreguinho, para ela empreguinho era trabalhar em casa de família.

Uma das coisas que não posso reclamar da Terezinha, minha irmã, foi o que ela me fez um dia, nunca vou esquecer quando ela me perguntou, “O que você quer comer hoje?”, ninguém nunca tinha me perguntado aquilo, e ela fez questão de fazer isso por mim.

Depois da gráfica, outros empregos surgiram, nós moramos de favor em outras casas, até que eu entrei na casa da dona Silvia, era pra trabalhar como arrumadeira. Cheguei na casa à noite, fiquei encantada, era enorme, com móveis bonitos, chiques. No dia seguinte, quando acordei nem lembrava por onde tinha entrado. A dona Silvia conversava comigo e se admirava que eu não conhecia outros lugares, ela não entendia a minha vida, mas me levava nas viagens tudo que ela fazia, para eu cuidar das crianças.

Foi com o dinheiro desse emprego que comecei a fazer o curso de auxiliar de enfermagem, e comprei uma casa num terreno de invasão em Suzano, a minha irmã não ficou muito feliz, eu entendia ela, nossa tia morava no centro de São Paulo, era tudo perto, mas quando a gente foi pra periferia, a gente viu outra São Paulo.

Passou um tempo e a prefeitura acabou tirando aquela casa da gente, pois era terreno invadido, mas foi assim que eu consegui construir uma casinha, com o espaço que a prefeitura nos deu. A gente fez um mutirão, e levantamos cada casa daquela ladeira, eu ajudava carregando material.

Aquela casa foi uma sensação tão boa, porque eu não tinha esperança, mas aquela casa era nossa, a gente que fez.

Dois cômodos, uma construção bem feita, aconchegante, tudo sempre organizado, do nosso jeitinho.

Realmente eu me encontrei nessa cidade, tinha a casa pra onde voltar nos finais de semana, o emprego na casa da dona Silvia onde eu dormia, e o meu curso de auxiliar de enfermagem, mais um sonho.

Quem é você? Sou Luzimar, cinquenta e dois anos, maranhense, em São Paulo desde 1985. Meu corpo conta minha história.

CENA 3
CORPO CORRE

Corre, corre. O tempo que corre, acaba.
 Sente? A vibração da correria?
 É medo, pressa, aflição, anseio, agonia.
 Marca o passo. Quantos passos dados agora?
 Passos daqui, passos dali. Venham até mim!
 Para, para, para!
 Sentiu? Saiu, chegou.
 Como parou? Freou?
 Ser humano tem freio?
 O corpo expressa, aquilo que sente, pensa, fala,
 suporta, carrega. E todos carregam, todo corpo tem peso.
 Dê sua mão. Vem cá. Vem bailar!
 Corpo que dança.
 Sente, a música toca. Conta o tempo nos passos.
 Não conta. Se perde comigo.
 Dança fora do ritmo, pula, rebola, balança, requebra,
 se quebre. Estranho, seja você.
 Pesado de amor, de raiva, de ódio, inconsequência, rancor.
 Arranque meu corpo deste lugar!
 Corpo vem, corpo vai. Migrando entre corpos,
 em estações, lugares, casas, trabalhos.
 Corpo é o que nos resta ser.
 Corpo é luta. História.
 Silêncio! Corpo muda. Corpo mudo.
 Meu corpo grita!

CONDUTOR – Andando. O objetivo de hoje é não se perder, lembrando do espaço vazio que deixou atrás de você. Equilibrem o espaço! Olho no olho, corpo presente, atitude no passo. Atentos ao jogo.

Olha o vagão
 Corre.
 Pega esse trem.
 Dá o sinal.
 Sobe no ônibus.
 Passa a catraca.
 Guarda o bilhete.
 Segura essa bolsa.
 Abre a janela.
 Não perde a estação.
 Passou do ponto.
 Cabe mais um.
 Aperta no fundo.
 Esmaga, que entra!
 Tem um lugar pra senhora.
 Tem criança de colo.

Libera o assento.
 Olha essa mão.
 Se liga meu irmão.
 Assédio aqui não.
 Para o busão.
 Chama esse guarda.
 É hora do rush.
 Momento do caos.
 Periferia locomotiva não para.

CONDUTOR – Trocou.

AMBULANTE 1 – Bom dia, patrão! Bom dia, patroa! Que vocês possam ter uma excelente viagem. Mercadoria de qualidade, barato na minha mão, é fone de ouvido, carregador pro celular, capinha anti queda, um, dois, três acessórios para te alienar. Cuidado para eles não te levarem tudo, e tu perceber só no fim dessa viagem. Se o Estado não tem lucros com o seu trabalho, você está cometendo um crime. Chega desse falatório, vamos para o que interessa. Patrão, patroa, chegou o passatempo da sua viagem, produto de qualidade, veio diretamente da França, comprou

lembrou da infância. Infância sofrida, na correria, juntando dinheiro sem pegar no cano. Me respondam, com quantos pobres se faz um mísero rico? Mil! Centenas vão sentados, milhares vão em pé. Com destino ao centro, sem marcha ré. Em marcha ré caminha Brasil. Tem que ter raça igual ao futebol. Perdoa a insistência, isso é só brisa minha. A viagem é linda, o duro é a volta.

CONDUTOR – Trocou.

AMBULANTE 2 – Boa tarde, senhora, boa tarde, senhor. Já peço perdão pelo incômodo, mas vim no vagão compartilhar minha arte. Se merecer um pouco da sua atenção, prometo não levar mais do que uma estação.

MÚSICA – EU DE PERIFA

Eu de perifa

Nem sei o que é sorte

Nunca ganhei na rifa

Aprendi lidar com a morte

Me ensinaram a dar uns tiros

Me ensinaram a dar uns cortes

Não importa onde eu miro

Esse caminho: “Só ser forte”

Esqueceram que é pesado o fardo que carrego

Nessa mesma loucura, cansado, me pego

Ofereceram a maldita cura!

Dar uma de cego

A doença sou eu!

Esse remédio, eu me nego!

Eu já nem sei como eu vim parar aqui.

Eu já nem sei como eu vim parar aqui.

CONDUTOR – Trocou.

AMBULANTE 3 – Boa noite, moça, boa noite, rapaz, eu não queria incomodar, mas já incomodando, tô aqui com mercadoria saborosa, pra dar uma força nesse fim de dia esforçado, levanta a mão que eu vou até você, de lá pra cá, de cá pra lá. Vocês já repararam em como a cada estação, ponto o mundo lá fora muda, parece que as coisas ficam melhores. De Parelheiros, Cocaia, Balsa até o Grajaú eu vejo as casinhas tudo apertadas subindo as vielas. Do Grajaú até Santo Amaro as avenidas se alargam, os prédios têm muros. De Santo Amaro até Pinheiros os arranha céus espelham o sonho. De Pinheiros até Paulista já bateu a saudade do quarto cozinha de aluguel, onde deixei as crianças dormindo, as contas na geladeira, o balde com roupa de molho, o vira-lata latindo olhando atento pra rua. Eu venho de longe, de onde a desigualdade é guardada, de onde olhares de fora veem com medo, de onde o polícia para e mata um nego.

Tá no prazo de validade, moça, senhora, lançamento nas principais lojas lá fora, como Maycon dizia: “É chocolate de bacana com preço de banana, pessoal”.

CONDUTOR – Trocou.

CORO – Pra onde?

Olha o vagão!

CORO – Pra onde?

Guarda o bilhete.

CORO – Pra onde?

Esmaga, que entra!

CORO – Pra onde?

Assédio aqui não.

CORO – Pra onde?

Periferia.

CORO – Onde?

CORO – PÁ!

Todos desfalecem ao chão como que atingidos por tiros.

CENA 4
REZA PERIFÉRICA

Todos começam a rezar, orar, clamar brandamente.

Suiii... a periferia está rezando
por suas perdas.

Perdi o ônibus.

Perdi esse trem.

Perdi o metrô.

Perdi a hora.

Perdi o café.

Perdi o sono.

Perdi a noite.

Perdi o dia.

Perdi o salário.

Perdi o trabalho.

Perdi o sustento.

Perdi a paz.

Perdi a dignidade.

Perdi a esperança.

O que é que você perdeu?

Um corpo, desde que nasce, já perde. Um corpo não rejuvenesce, um corpo envelhece. Na vida tem corpo que ganha, que com espaço se expande. E tem corpo que perde, que apertado, se espreme. Tem corpo que por muitos é carregado sentado em cima de um trono, para este corpo a existência é leve. Já para os corpos que o carregam, é pesado existir. Tem corpo que voa, tem corpo que pisa no barro batido. Tem corpo que deita e sonha, e tem corpo que reza.

*Todo o CORO volta às rezas e orações
e se retira para a sala do próximo ato.*

*Permanecem em cena somente o REZADOR
no colo de uma das atrizes,
a mesma que fará o solo ao final da cena.*

REZADOR 2 – Todos falam de ti, mas quase ninguém faz o que tu ensinou. Mas ae, Deus, caso você possa escutar a minha voz, queria ter um encontro com você, você e eu, eu e você, face a face, como um menor tem com os stivers na madrugada, para colocar na mesa toda desigualdade que acontece aqui, se isso é para aprender, que aprenda você.

Toda ausência, falta, perda, gera um buraco no estômago, e nesse processo de ser aquilo que nasceu para ser, quando existe essa falta, buraco, a gente procura outros meios para tentar ser completo. A falta de amor e compressão, resulta em um menor vida loka, que em seus devaneios diários acredita que é muito melhor e mais rápido segurar em um 38, do que carregar uns livros, para obter sucesso e fama. Por aqui ninguém acredita em ninguém, os menor na pista não tem dó, de quem nunca teve compaixão deles. Quebrada, entre outras milhares de quebradas, de São Paulo. Tudo isso, já é noticiado nos jornais, entre os becos e vielas, a quebrada resiste.

Crer ou não crer em ti, já é algo questionável, dizem que tu é um ser que é a favor da vida e que já escreveu todos os dias, mas por que em seus planos, teve a eleição de um homem que é a favor da morte dos meus, a favor de uma arma de fogo, e não de um livro, ae, isso é para aprender o quê?

Mais um pedido caso for possível, nem sei como você é, caso for um mágico, transforma toda dor, em alegria, sacia a fome das pessoas, dá uma olhadinha no meu povo sofrido, apertado, espremido, que as famílias não passem o que a do Victor passou, simplesmente por assumir o que ele era, e mais dias de glória para todas as quebradas. Amém, e amor.

*Neste momento uma das atrizes canta parte da música
'Cálice' de Chico Buarque e Gilberto Gil.*



ATO II

AMBIENTE: Sala fechada.

*DISPOSIÇÃO: Em formato arena,
com cadeiras rodeando a sala,
o público assiste sentado ou em pé encostado nas paredes.*

CENÁRIO/LUZ: Luz em penumbra.

CENA 1
ANGÚSTIA

*Todo o CORO está sentado/amontoado no centro da sala,
o NARRADOR faz parte deste CORO.
Existe um indivíduo desligado do CORO, o FAMINTO,
ele está imóvel e possui pernas e braços presos.*

NARRADOR – Eu gostaria de algo que matasse minha fome. Preenchesse esse espaço do estômago ao coração, que sobe pra mente. Às vezes parece que estou cheio, de tudo que não me sacia, é um acúmulo de vazio aqui dentro. Mas nada transborda, a dor do vazio me infecciona, e calado, adormeço.

*O CORO que estava amontoado
se espalha por todo espaço mantendo-se ainda deitado.*

FAMINTO desperta.

O CORO acompanha sem locomoção toda a ação

*que partir do FAMINTO,
que através de rolamentos
se dirige até o outro extremo da sala.*

*Aos poucos, com esforço,
FAMINTO consegue liberar as pernas e braços,
ações que são seguidas pelo CORO,
e por fim encontra um prato vazio.*

*Ao perceber que não há alimento no prato,
FAMINTO desvanece sobre o objeto.*

É dolorido dormir com o sentimento da fome, a mulher, o homem que padece de fome dorme sobre um prato vazio, e esta é uma cena, tragicamente, comum de desrespeito.

CORO – Me vê um prato, seu moço.

MULHER NEGRA – Eu quero um prato de respeito, da vida que me negaram. Negam com bala, com estupro, me furtam a história que eu escrevi. E eu sei que eles leram, pois até mesmo a leitura veio de mim.

CORO – Um prato de respeito, seu moço.

MULHER – Neste prato me traz o fruto. Eu exijo respeito sobre este prato sagrado massacrado. Nos abortaram para a vida infértil.

*Reação do CORO FEMININO
– como um gemido de dor.*

MULHER – Me traga este fruto. Quero poder consumir o seu núcleo semente, para que alimente essa horta em mim.

MULHER – Que as raízes cresçam.

MULHER – Minha terra perfurada, solo desvirginado.

MULHER – Que os galhos se alarguem.

MULHER – Que as folhas verdejem.

CORO FEMININO – Em sangue.

MULHER – E todas nós passemos a ser...

*MÚSICA - MARIAS DA BEIRA**PUXADORA – Oh, Maria, na beira do rio.**CORO FEMININO – Oh, Maria, na beira do rio.**PUXADORA – Na beira da estrada, beiradas dessa cidade, beira calçada no meio fio.*

MULHER – Caminha a escória, dos terrenos baldios, deixados de lado, jogado nas beiras feito fruta de feira.

CORO – Oh, seu moço, nos veja um prato decente de um mínimo respeito.

HOMEM – Desrespeito que corre, sempre. Corre entre os becos, asfalto, joelho ralado. Desprezada estrada. Nos falta um lugar para aquietar, este prato vazio, sem cama, sem berço, sem luz, nos deixa inquietos na noite intranquila.

MULHER NEGRA – Onde já se viu renegar a própria mãe.

CORO – Mínimo respeito.

MULHER NEGRA – Humanidade nascida aqui. Ventre que gere, berço negro potente. Ventre do qual não nasce o dinheiro. Lhe assaltaram o ventre. Vem lá, a mãe preta.

*MÚSICA – NEGREIRA MÃE**Vem, vem lá, vem lá.**Vem, vem lá, vem lá.**Vem, vem lá, vem lá.*

Onde der para nos jogar, que nos jogue.

CORO – Moço, me traz esse prato!

Não nos foi dado auxílio. Catamos comida, achamos um pano. O prato novo do pobre, tá gasto, já foi usado. Felicidade, tem quem já tem. Tristeza, a gente faz por merecer.

CORO – Esse prato demora.

Roubaram a consciência, enforcaram a independência, estão furtando a merenda, sugando toda e qualquer proteína. Saúde desfalcada, nossas enfermidades abandonadas.

CORO – No meio-fio, me tomaram a passagem, estão usando, usurpando da nossa coragem. Eu olho pra cima procurando estrelas, na falta de um teto respeito. Um teto prato respeito.

MULHER NEGRA – Tá tudo roubado, e quem paga? Quem paga é quem foi saqueada. Que trabalhou a vida toda e morreu com a culpa de não ser esforçada. Que é a “mulata” que implora pro seu corpo não ser violado. É a preta retinta que de dia limpa banheiro e a noite divide o quartinho de empregada.

CORO – Tá pago, seu moço, me vê esse prato!

Um prato de digno respeito. Respeita as gay, as bicha, as trans, as trava, as bi, as lésbicas, todo o asfalto ensanguentado de nós que morremos no banquete preconceituoso do Brasil.

CORO – Seu moço, assim eu morro de fome.

Não usa essa saia.

CORO – Mata!

Tira o batom!

CORO – Mata!

Não beija na rua!

CORO – Mata!

Não pega na mão.

CORO – Mata!

Não é o meu filho!

CORO (*repetidas vezes como em um surto*) – É o corpo que paga por isso.

Parem de me tocar.

A chuva grita lá fora, teu sopro arranhado da encosta apavora. Daqui da beirada da terra ficamos somente com a sobra. Me faz florescer, me faz ter um sonho. Gays morrem, pobres morrem, mulheres morrem, negros morrem, e andamos sem saber pra onde.

CORO – Onde é que tá o prato seu moço?

MÚSICA - FALTOU

Faltou arroz.

Faltou feijão.

Faltou batata.

O que devemos ser?

Faltou kiwi.

Faltou melão.

Faltou a jaca.

O que devemos fazer?

Pra alimentar o vazio.

Que mora em nós.

Para nutrir o vazio.

Que alojou-se em nós.

Não tem busão pra nos salvar.

Dessa tremenda lotação.

Não tem guardinha pra ajudar.

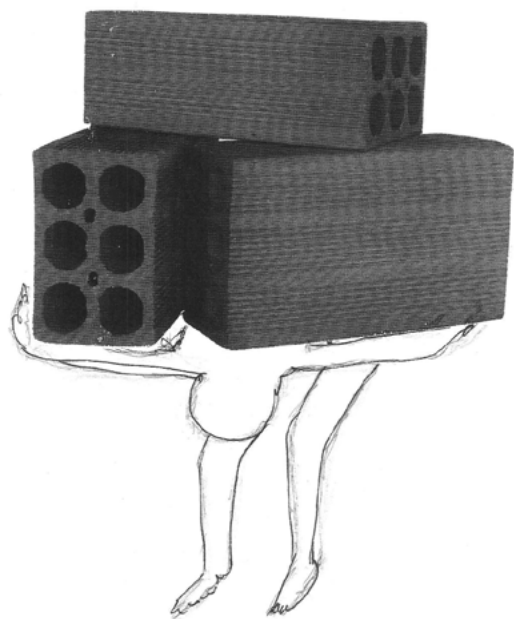
Em meio a baldeação.

CENA 2
LEVANTE DE ESPERANÇA

Todo corpo tem fome. Todo corpo tem uma história de perda. Mas todo corpo de pé está, porque tem correndo em cada veia, batendo dentro do peito, escorrendo pelo suor, uma gota, uma força, um sangue, de esperança.

A periferia aprendeu que junto com a angústia de um corpo cansado, mesmo que pelo patrão humilhada, e pelo governo esquecida, é preciso colocar um sorriso no rosto, pegar o trem lotado, se apertar na lotação, e mais do que rezar, resistir com um corpo bravo e lutar para ver suas filhas e filhos abrirem um sorriso largo no rosto.

*Neste momento é tocada a música
'Apesar de Você' de Chico Buarque.*



ATO III

AMBIENTE: Pátio aberto.

DISPOSIÇÃO: Formato palco/plateia.

*CENÁRIO/LUZ: Casa ou casas cenográficas ao fundo,
como numa periferia em formação.*

CENA 1
AQUELAS CASAS

Durante a música 'Apesar de Você' o público é levado para o pátio e lá é acomodado em cadeiras. O elenco distribui pedaços de bolo e copos de suco ao público.

Com o término da música todo o elenco está sentado de frente para o público.

MIGRANTE – Aquela casa foi uma sensação tão boa, porque eu não tinha esperança, mas aquela casa era nossa, a gente que fez. Dois cômodos, uma construção bem feita, aconchegante, tudo sempre organizado, do nosso jeito.

FILHA – Essa é a história da minha mãe, Luzimar, 52 anos, veio lá de Caxias, Maranhão em 1985 para construir sua vida em São Paulo. A história da minha mãe tem tudo a ver com a história dessa cidade, dos bairros onde ela morou, com as histórias das casas que ela construiu. E a história do meu corpo tem a ver com a história da minha mãe. Do meu corpo periférico, corpo marginal.

Áudios com depoimentos de mães e avós do elenco são ouvidos neste momento.

Os depoimentos gravados para esta peça foram transcritos como seguem.

LUZIMAR PINHEIRO – *Foi em 2011. Aí nós fomos de avião. Compramo, fizemo um pacote, ida e volta, 20 dias em Caxias. Aí veio uma van, nós entramo dentro da van. Aí chegamo, aí nós fomos pra Caxias, foi mais ou menos uma hora de viagem de van. Aí chegamo em Caxias, a minha mãe tava na frente de casa, toda inocente. Aí quando ela me viu, coitada dela, não sabia o que falar. Aí achou meus filho bonito. Aí o Gustavo chegou dormindo no meu colo. Eu também fiquei muito feliz em rever minha família. Mas foi bom demais. E quando meu marido me convidou pra ir pra Caxias, ele me fez uma surpresa. Ele falou assim “Vamo pra Caxias?”, falei “Pra Caxias?” Eu tava tão sem expectativa de ir. Aí eu fui contar pra minha mãe. Acho que da maneira que eu contei, a minha mãe não entendeu, sei que foi dar uma confusão, que minha mãe não tava me esperando. Ela teve aquela surpresa, né? Ficou muito feliz. Aí a minha irmã já tinha um celular, minha irmã tem um celular, aí ficava ligando pras pessoas e as pessoas só chegava, só chegava. Foi muito bom.*

MARGARIDA ALACOC – *Ir pra São Paulo foi difícil. Primeiro, veio meus irmãos, eles vieram, trabalharam, veio a minha irmã que casou e veio morar aqui. Depois veio minha mãe, meu pai, enfim. Ficou eu e meu irmão mais novo, lá em, lá em, Minas. E depois a gente veio, meu pai foi buscar, a gente veio de combe né, uma perua, e no caminho ela até pegou fogo, queimou tudo e a gente teve*

que pegar uma carona num caminhão e chegamos aqui. Onde, é, a gente trabalhou e hoje nós somos muito feliz aqui em São Paulo. Obrigada, São Paulo por ter nos acolhido.

NEUZA DUTRA – *Me chamo Neuza Dutra de Paula, tenho 72 anos. Eu nasci em Guaraçai, interior do estado de São Paulo e lá eu trabalhava na roça, pra ajudar meus pais. Mas a gente ia pra escola e andava muito pra ir pra escola. Aí aos 11 anos meu pai veio a falecer, aí depois meus tio resolveu que a gente viesse pra São Paulo pra poder tentar vida aqui, porque nós era uma família grande, né? Pra minha mãe criar sozinha. Foi o que fizemos, viemos pra São Paulo. Viemos de trem, passamo um dia e uma noite até chegar em São Paulo, uma cidade que a gente não conhecia, né? Mais viemos a conhecer. Foi muito bom, né? Só que a gente morava numa casa pequena de três cômodos, era uma casa pequena para 12 pessoas. E aí chegamo aqui, a vida era difícil. Aí fomos trabalhar, eu arrumei serviço em casa de família e fui trabalhar em casa de família. Depois trabalhei em fábrica, foi para ajudar minha mãe a criar meus irmãos, né? Aí depois disso fui trabalhar em fábrica. Aí uns 8 anos eu conheci o amor da minha vida. Eliandro Nagasaki. Tivemos três filhos, ao longo do tempo fomos construindo a nossa vida, aos poucos, né? E com o tempo, fomos, assim, criando tudo direitinho, né? Fomos casado 49 anos, hoje sou viúva, mas tenho meus netos. Tenho seis netos e uma bisneta que são a razão da minha vida.*

JOSICLEIDE OLIVEIRA – *Eu vim pra aqui pra São Paulo pois lá no Norte lá era difícil a vida lá e eu vim pra cá pra trabalhar, né? E fazer a vida aqui né? Porque lá no Norte é*

difícil. Conseguir uma vida melhor aqui pois no Norte. Ai pra chegar aqui e me adaptar foi muito difícil. Só chorava, chorava, mas também não queria ir embora pra lá porque lá a situação era mais, a situação nossa era difícil mas, é, me adaptei e tô até hoje aqui. Eu cheguei aqui, eu trabalhei, eu vim pra olhar, pra olhar uma criança, trabalhei na casa duma mulé em casa de família e cuidava duma criança. Não ganhava dinheiro lá, eu trabalhava só pela comida e a roupa. E me tratavam bem mas, era assim, eu só vivia presa. Trabalhava. Não saia. Não passeava. Só ficava lá mermo, trabalhando e de vez em quando que ela me dava um dinheirinho mas salário não. Não tinha salário. Passei uns 2 anos, depois, eu conheci uma pessoa e aí tô com ele até hoje. Ele, e sai... e pronto.

LAURECI DUTRA – *É lembranças boas, eu vivia, meu pai, minha mãe, minha família tudo unido, reunido. Aí depois meu pai partiu, a minha mãe também. Aí começou a coisa ficar triste, mas cada qual levando sua vida. Mas, olha, na verdade eu esperava, é, ficar rica! Que eu era muito pobre e esperava ficar rica, mas não fiquei rica e nem fiquei mais pobre, fiquei a mesma coisa. Um pouco melhor. O meu sonho é ver minha filha bem, a minha neta bem, aí eu vendo as duas bem, eu posso partir, para uma outra vida.*

ROZE GUEDES – *Antigamente nós conhecíamos todos os vizinhos, da mesma rua, da rua de cima, da rua de baixo. Hoje eu não sei o nome dos meus vizinhos. Hoje eu não tenho convivência nenhuma com eles. A diferença é muito grande. Antigamente não acontecia nada, assim, que todos soubessem, mas não forma grosseira ou feia, é simplesmente porque todos*

participavam de tudo. Hoje, não. Hoje se você sabe de alguma coisa do vizinho é porque você escutou alguém gritar alguma coisa de longe. Porém eu não sei nem o nome dos meus. Porque hoje as pessoas não têm tempo. Hoje as pessoas só pensam em trabalhar pra pagar mais contas. Meu sonho é comprar uma casa. E a minha esperança de poder ver vocês, os meus filhos, dentro dessa casa um dia. Uma casa nossa. Onde a gente pode colocar um quadro na parede sem se preocupar de pegar um cano que a gente não sabe de quem era aquele cano. Onde a gente pode construir uma história naquela casa. Hoje, meu sonho é construir uma história dentro de uma casa. Onde vai ficar lá pra sempre aquela história.

CENA 2
CORPO CÍCLICO

Corpos caminhos. Parece impossível traçar todo o percurso de um corpo. Do momento que nasce, a cada passo conquistado, um corpo caminha por corredores, salas, casas, prédios, ruas, travessas, avenidas, a vida de alguém é um corpo em movimento. E cada passo, cada ida, cada vinda de um corpo é uma história pra ser contada.

MULHER 1 – Ôh, Joana, minha filha, tô indo no mercado.

MULHER 2 – Tah bom, mãe, não esquece o presunto.

HOMEM 2 – Cadê a blusa, mãe?

MULHER 3 – Atrás da porta, meu filho.

MULHER 4 – Vó, não se esquece, amanhã tem médico.

MULHER 5 – Já separei tudo, minha filha, cartão do SUS, carteirinha do posto e os exames que o doutor pediu.

HOMEM 3 – Tia, a dona Marilda veio aí, pediu pra senhora dá um pulo lá depois.

MULHER 6 – Tá bom, vou na Salete fazer a unha e dou uma passada lá.

CORO – Corre, corre. O tempo que corre, acaba.

Olha o vagão!

Corre.

Pega esse trem.

Dá o sinal.

Sobe no ônibus.
Passa a catraca.

Guarda o bilhete.

Segura essa bolsa.

Abre a janela.

Não perde a estação.

Passou do ponto.

Cabe mais um.

Aperta no fundo.

Esmaga, que entra!

Tem um lugar pra senhora.

Tem criança de colo.

Libera o assento.

Olha essa mão.

Se liga meu irmão.

Assédio aqui não.

Para o busão.

Chama esse guarda.

É hora do rush.

Momento do caos.

Periferia locomotiva não para.

MÚSICA - MARIAS DA BEIRA

PUXADORA – Oh, Maria, na beira do rio.

CORO FEMININO – Oh, Maria, na beira do rio.

PUXADORA – Na beira da estrada, beiradas dessa cidade, beira calçada no meio fio.

CENA 3

PERIFERIA ESPERANÇA

Chegou?
Parece que sim.
Que estação é essa?
Periferia Esperança.
Olha o tanto de história.
É corpo por de mais.
E cada corpo dá um livro.
Dá uma peça.
Imagina, uma peça de teatro cheia de corpos.
E cada corpo contando sua história.
De onde o corpo vem, de onde o corpo vai.
Falando da fome do corpo.
Das perdas, faltas, da angústia de um corpo periférico.
Ia ser uma peça bonita.
Tem que ter dança, todo corpo gosta de dançar.

E música, corpo cantando, vibrando as cordas vocais.
E um público, cheio de corpos. Cada qual se encontrando
nas histórias contadas pelos corpos do elenco.
A história de um, também é a história de todos.
Da terra que nasce um corpo, nascem centenas de outros.
No fim da vida é a mesma terra que engole todos os corpos.
A gente é uma mistura bonita.
Periferia Esperança, ia ser uma peça bonita.
Cheia de corpo.
Um bando de corpo periférico.
E cada vez que a peça fosse apresentada seria mais uma
pitada de esperança pra periferia.
Pois toda história contada seria da gente.
Cada palavra seria sobre nós.
E não do que os outros, lá do centro, acham da gente.
Mas de tudo aquilo que só a gente sabe o que é e como é.
Essa peça tem que ser feita.
A gente tem que escrever essa peça.

POETA – Eu tenho um poema. Se um dia a gente fizer essa peça, eu acho que a gente pode terminar com esse poema.

Lê então...

POETA – Eu quero um prato que faça meu corpo dançar.
Flutuar como pena leve no espaço.
Quero conhecer a enigmática receita, desvendar sua fonte.
Com os ingredientes em mãos, realizar os meus sonhos.
Em segredo me traz esse prato.
Vamos derramar nas esquinas.
O corpo é colher de sopa.
Eu corto, aqueço, sirvo quente.
A 180° deixo por tempo indeterminado -
transbordar é ponto.
Se faltar, buscamos a forma,
Plantamos nos becos, vielas, favelas.
Faz caber em mim que me estouro.
Me traz o prato, vamos nos experimentar.
Sou doce, sou sal.
Comamos do fruto, juntos saboreamos do prato farto.
Meu corpo marginal sacia,
Teu corpo marginal fermenta,
Tu cantas e eu danço.

LEVANTE (*escrevendo num livro*) – Teu corpo marginal fermenta. Tu cantas, eu danço. É isso?

POETA – O que você está fazendo?

LEVANTE – Escrevendo seu poema num livro.

POETA – O meu poema num livro?

LEVANTE – Sim, num livro! Vamos! Me deem todos os seus poemas que vou colocá-los neste livro. Amanhã a periferia vai acordar com um livro cheio de poemas nas mãos. Poemas que falarão da gente, contarão nossas histórias de vida e de luta. Poemas que despertarão nosso povo e os levarão às ruas, às escolas, universidade, aos congressos, à República. Vamos! Quero ouvi-los, recitem seus poemas para mim.

*Todos, ao mesmo tempo, leem seus poemas em voz alta
compartilhando com o público ao redor.*

*Durante as próximas falas,
os poemas escritos são entregues ao LEVANTE.*

A periferia será o país.

E terá sua história contada.

A história dos becos e vielas.

As histórias de corpos periféricos.

Não mais anulados ou mortos na surdina.

Mas vivos, enraizados na trajetória do povo brasileiro.

LEVANTE – Isso, temos nossa história para contar, e essa deve ser lida pelo nosso povo, pois é daqui, do nosso asfalto, desse ponto e estação de partida que nasce a esperança da nossa gente.

CORO – Então, que esse livro chegue nas mãos do nosso povo!

EPÍLOGO





COREOGRAFIA - Tempo.

A CRIAÇÃO

INÍCIO

17 de Fevereiro de 2018. Estamos em São Paulo, no bairro da Cidade Dutra, uma região periférica da zona sul da cidade, mas ainda assim menos afastada do centro comparada a outros bairros mais “distantes”. É um sábado, com fortes pancadas de chuva, e vinte e sete jovens adolescentes, estudantes da rede pública de ensino, se reúnem com muitos desejos e pelo menos um interesse em comum, entrar em contato com a arte do Teatro.

A turma é conduzida por uma equipe de profissionais educadores com formações variadas, no teatro, na dança, na sociologia e comunicação. Através de encontros semanais, aos sábados e domingos, diversificadas propostas de linguagem

e debates são colocadas, a fim de promover o diálogo aberto e a experimentação artística.

O local de reunião semanal deste grupo é uma escola pública municipal, EMEF Doutor Miguel Vieira Ferreira. O espaço, aos fins de semana, já recebe em suas salas, quadra e pátio inúmeros projetos de dança, artesanato, línguas estrangeiras, criando um lugar democrático para uso do equipamento público e de livre acesso para moradores da região e proximidades. Neste cenário nos incluimos, para exercício cidadão e artístico.

TEMÁTICA

O grupo de vinte e sete jovens, em Fevereiro de 2019 após um ano de curso, está reduzido a doze, porém todos engajados na criação e produção de um espetáculo teatral. Durante todo ano efervescente de 2018 para nós brasileiros, com eleições presidenciais acirradamente disputadas e polêmicas, que mais uma vez dividiram o país em dois poentes, nos colocamos na busca de entendermo-nos dentro desta nação, deste grande projeto chamado Brasil.

Quem somos nós aqui dentro? De onde estamos vindo? Qual o caminho para seguir?

Partimos de um tema macro, “Fronteiras e (i) Migrações”, levantando debates sobre nossa identidade latino-americana,

o reconhecimento ou falta dele, trajetórias migratórias, e o indivíduo migrante com suas variadas necessidades.

Para responder as perguntas já colocadas, o processo temático foi de afunilamento, adentrando o campo micro de nossas histórias. Entendendo que para ir ao encontro do nosso descobrimento identitário poderíamos partir de nós mesmos, das nossas casas, famílias, bairros, esmiuçando e revelando as múltiplas trajetórias presentes neste grupo de educadores e educandos. Um diálogo direto com as propostas do Patrono da Educação, Paulo Freire, visando o reconhecimento sobre si e o meio, e a geração de práticas libertárias a partir disso.

“Foram vários os momentos durante o processo de aprendizado em que pude reconhecer que de alguma forma também estou vivendo situações iguais com as quais minha família passou. E com isso entendi o que em mim é fruto de toda uma trajetória.” - Lorena Pinheiro (educanda) / 18 anos.

Já no final de 2018, foram apresentadas cenas curtas, da própria autoria dos jovens educandos participantes, expressando os anseios e desilusões que encontraram neles mesmos e em suas multiformes famílias. Um disparador comum para todas as criações foi a figura feminina, presente na escola, nas religiões, nas vizinhanças e nos lares de todos. O símbolo da mulher ia surgir aqui, e permear toda a construção do espetáculo futuro, na direta intenção do protagonismo feminino na história humana e social - e periférica.

ESCRITA

*“Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.”*

*Parte do poema “Da calma e do silêncio”
de Conceição Evaristo*

Entre aulas de teatro, dança, política, cidadania, o grupo também se reúne para o ofício da escrita.

Numa sociedade imediatista, facilitadora e publicitária, escrever é um ato que exige resistência. Pegar um papel e um lápis, e não um aparelho eletrônico, poderá ser uma revolução.

Revolução contra o tempo que faz correr e pouca, ou nula, observação. Os encontros para a experimentação da escrita eram tomados de silêncio físico, mas mentes inquietas. Onde ir? Qual lugar da memória, dos pensamentos, das ideias, deve ser acessado para fazer fluir as palavras no papel?

Duas poetisas são escolhidas para estudo, e claro, a escolha por mulheres não é sortida. E a estética da poesia é o ponto de partida para traçar um caminho fora do realismo e didatismo, explorando o lirismo na escrita e o poder da metáfora.

Inicia-se com Conceição Evaristo, brasileira de Belo Horizonte, uma das principais escritoras do Brasil contemporâneo. Maria da Conceição, traz em sua vasta obra o Eu-Mulher, com a trajetória da pobreza e da resiliência, dos navios negreiros e do resgate da cultura negra em nosso país. A escolha pela escritora, está em seu poder de uso da palavra, para imagnetizar a dor, o sofrimento, a luta, a guerra em ser uma mulher negra em nosso país. A escritora, logo, se torna referência para uma periferia que necessita se ver escrita por si mesma.

Em um segundo momento entra-se em contato com a poetisa norte-americana do século XIX, Emily Dickinson. Sua escrita é repleta de imagens que nos conduzem aos temas do amor, da natureza, do sentido da existência, promovendo em poemas curtos e sucintos alto teor de abstração e pensamento. Um simples verso é capaz de produzir um longo tempo de absorção, indo além de uma interpretação simplista. A escolha por sua obra está exatamente no fato do leitor ter que ir além da primeira leitura rumo à vastidão do universo presente em uma curta estrofe.

São a partir destas duas referências de escrita que o processo de criação dramaturgica do espetáculo se dá. Grande parte do texto ‘Periferia Esperança’ é resultado do experimento poético. Criou-se um ambiente de escrita livre e espontânea, no qual os doze jovens do elenco foram semanalmente, de Março a Maio de 2019, instigados à escrever copiosamente.

Primeiro, os poemas são criados, e ao serem lidos, identificam-se possíveis melhorias para o ritmo, e para o poder das metáforas elaboradas. Textos são reescritos, lapidados, para então serem experimentados em cenas improvisadas. É a partir destas improvisações, advindas dos escritos poéticos, que a dramaturgia foi montada num trabalho coletivo e colaborativo.

“Escrever uma peça de teatro me pareceu algo fora do comum. Pois eram pequenos detalhes que iam se encaixando tão perfeitamente que quando vimos, a peça já estava pronta e sendo ensaiada, com o nosso texto. Era nossa, e esse sentimento de pertencimento foi muito importante.” – Mariana Dutra (educanda) / 17 anos.

ESTÉTICA DE MONTAGEM

NARRADOR – *Negros de todos os lugares procuravam as matas fugindo desesperados. Horror a chibata, ao tronco, às torturas. Buscavam no desconhecido um futuro sem senhor. Enfrentavam todo o perigo. Fome, sede, veneno, flecha dos índios, capitéis do mato. Agonia pela liberdade. Ideia de ser livre.*

O trecho acima está em uma das primeiras cenas do texto teatral ‘Arena Conta Zumbi’, de Guarnieri, Augusto Boal e Edu Lobo, tendo sua data de estreia o ano de 1965. A dramaturgia foi material de estudo para o nosso processo criativo,

pela sua proposta de gênero épico, e pelo uso variado de recursos, como música, coro e coringa. Ao estudar o texto e também o áudio do espetáculo (disponível na plataforma do Youtube), identificamos possibilidades variadas para nossa montagem, na dinâmica e agilidade proposta, na estrutura poética da narrativa, e no tom desafiador, questionador e direto, diferindo do gênero dramático.

A ideia desde o início para a montagem do espetáculo foi criar uma obra não realista e antidramática, usando dos recursos épicos, líricos e performáticos para a cena. Como já dito, o espaço de encontro do grupo foi uma escola municipal da periferia de São Paulo, e foi decidido que neste espaço também se daria o espetáculo, fazendo uso tanto de salas como de corredores e pátio, construindo um espetáculo de percurso, itinerante junto ao público.

A peça é dividida em três atos de atmosferas bem distintas. No primeiro ato as personagens e rotinas de uma metrópole são reproduzidas, dos bairros aos grandes centros comerciais. Tudo ocorre em um corredor, propondo a proximidade e desconforto do público, que assiste tudo em pé, gerando sensações próximas ao dia a dia do cidadão periférico. Já no segundo ato a cena é realizada dentro de uma sala apertada e com pouca iluminação, na qual as relações históricas de dominação e opressão são questionadas num ambiente claustrofóbico. Por fim, conduzindo o público à um amplo pátio, o terceiro ato surge como uma afirmação positiva da periferia e suas variadas trajetórias, elevando o poder da arte e da educação como meios eficazes de transformação social.

“Pra mim foi um processo ousado, pelo fato de ser em uma escola pública, que muitas vezes é um espaço que cria muitas distâncias nas relações, como entre professores e alunos. Ter uma peça que faz exatamente o contrário, que busca aproximar corpos e pessoas, foi uma oportunidade de quebrar barreiras e ressignificar o espaço. Sem contar que quando uma peça é feita na escola, normalmente o lugar usado é o palco de um pátio ou quadra, nunca encontrei um peça que explorasse o ambiente escolar onde não somente os atores caminhassem, mas também o público.” - Beatriz Carvalho (educanda) - 17 anos.

QUEM SÃO?

O texto ‘Periferia Esperança’ é composto de muitas vozes. São treze autores que por três meses esmeraram-se no ofício da escrita, a fim de dar voz às suas próprias narrativas.

Grande parte do texto não possui uma voz específica, podendo pertencer a qualquer indivíduo. Há partes em que existem sugestões, como à ‘Mulher Negra’. Já outras carregam toda a personalidade da criação, como ‘Migrante’, que traz a história da mãe de uma das atrizes/autoras, que durante o processo de criação compartilhou conosco seu percurso de migração do nordeste brasileiro para São Paulo.

A verdade é que a obra é narrada por muitos narradores, e cabe à direção e elenco descobrir os melhores mecanismos e formas de dizer este texto. Um texto que se costura como uma colcha de retalho, entre poesias, performances, e narrativas épicas.

CORPO E MÚSICA

Para a criação do espetáculo somaram-se as práticas corporais vivenciadas nas oficinas de dança, ‘Corpo e Aprendizagem’, dirigidas pelo educador João Bindandi. O texto inicia com a coreografia ‘T.U.M - Todos em Único Movimento’, metáfora da trajetória de um corpo, da sua constituição como pequeno núcleo até sua expansão para a vida e suas relações no mundo.

O corpo é evidenciado na obra cênica, o entendendo como objeto histórico, que carrega e conta uma trajetória que é também atravessada por tantas outras. O próprio nome que o grupo de jovens educandos se dá, CIA CORPOS OUTROS, traduz o quanto seus próprios corpos estão em protagonismo durante todo este processo de pesquisa e criação.

Também, desde as primeiras cenas improvisadas, o elemento musical é característico, acrescentando dinamismo questionador à linha épica narrativa. Ao todo foram quatro composições autorais, explorando ritmos populares da rua, como o rap. Todas as criações musicais como outros materiais em áudio acerca da produção do espetáculo ‘Periferia Esperança’ podem ser ouvidos no canal da Cia Corpos Outros na plataforma do YouTube.

Link Canal: <https://www.youtube.com/channel/UCRd1TqJE6TRMJ-Wd7IU57Tw>

POR QUE ESPERANÇA?

ADRIANO – *Você tem algum sonho hoje?*

ROZE – *Sim. De ter a minha casa pra ver se um dia eu consigo sair dessa rotina. Meu sonho é comprar uma casa. E a minha esperança...de poder ver vocês, os meus filhos, dentro dessa casa um dia. Uma casa nossa.*

Roze é uma das mulheres que por áudio participa da peça, mãe de um dos atores do elenco. Sua fala, junto com as falas de outras mulheres, está no terceiro ato do texto, no qual buscamos vislumbrar adiante.


A periferia não é um assunto escasso nos meios de comunicação, e nem mesmo das teses acadêmicas. Estamos nas bocas e teorias, entretanto, passamos a nos perguntar se o que dizem e pensam de nós realmente é retrato fidedigno do que somos.

Ligamos a TV, acessamos jornais e páginas da internet e muitas vezes encontramos uma periferia doente e violenta, com prismas limitados ao sofrimento e a falta. Falta-nos tudo, mas será que não temos espaço para falar de tudo aquilo que já possuímos? Possuímos herança, historicidade, raízes, trajetórias, corpos, cores, desejos e palavras. A periferia tem a palavra, e tem caminhado à encontrar os seus espaços de fala e reconhecimento na sociedade.

Falar de nós, já é o próprio ato da esperança. Pesquisar e contar das nossas raízes, desperta-nos para a continuidade. Nos reconhecer é uma ação identitária poderosa para exis-

tirmos no hoje, contrariando as perspectivas negativas dos cenários que nos são impostos em níveis sociais e econômicos.

O texto Periferia Esperança nasce, e se espalha, com o desejo que os indivíduos ao entrarem em contato com esta dramaturgia, se sintam protagonizados, contemplados, e instigados a tomarem para si os mecanismos de suas próprias histórias, para que também as evidenciem e as promovam como potente objeto histórico de seu tempo.



BREVE BIOGRAFIA DOS AUTORES

ADRIANO SOUZA SILVA *(18 anos)*

Formado no Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos atos, onde teve aulas de Teatro, Dramaturgia, Dança, Comunicação e Repertório, Cidadania e Política. Produziu e atuou nas peças “Não Veem?” e “Antologia dos Voos”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019. Mora na zona Sul de São Paulo e é engajado na cena cultural periférica.

AGATHA REINATO PEREIRA *(18 anos)*

Cantora, formada em Contorção no Circo escola do Grajaú, em Circo e Karachi pelo CEU Três Lagos, Ballet no Colégio Shangri – lá, Curso de Telejornalismo no Edmodo, formanda na sexta turma do Projeto 1º CENA, do Instituto Usina dos atos, produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas” e “As Cores do Caminho”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019.

BEATRIZ BRANDÃO DE ASSIS DUTRA *(19 anos)*

Compositora, Cantora, formada na sexta turma do Projeto 1° CENA, do Instituto Usina dos Atos, produziu e atuou nas peças “Caça” e “Antologia dos Voos”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019.

BEATRIZ SOARES DE CARVALHO *(18 anos)*

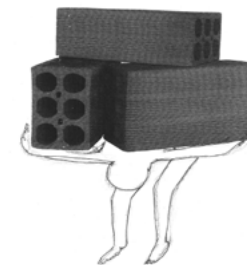
Formada em fotografia básica pelo Senac, informática na Logus, Ballet e Dança Contemporânea pelo CEU Vila Rubi. Participou do projeto Imprensa Jovem/ Aluno Monitor e é voluntária na cobertura fotográfica de eventos na E.M.E.F Aldina Anália Taddeo Conde. Formada na sexta turma do Projeto 1° CENA, do Instituto Usina dos Atos, produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas” e “As Cores do Caminho”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019. Atualmente cursa Audio-visual no Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias.

**CARLOS HENRIQUE OLIVEIRA
SALDANHA NAKAMURA** *(18 anos)*

Formado na sexta turma do Projeto 1° CENA, do Instituto Usina dos Atos, produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas” e “À Procura”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019. Atualmente cursa Economia na FMU.

EDILSON LINCOLN DE PAULA *(19 anos)*

Formado na sexta turma do Projeto 1° CENA, do Instituto Usina dos Atos, produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas” e “Antologia dos Voos”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019. Atualmente está cursando Relações Internacionais na Uninter.



LARISSA ALACOC RIBEIRO CARDOSO (18 anos)

Cursou ginásticas artística/rítmica, foi líder de torcida, praticou capoeira, formada em jazz (dança), ballet e teatro pelo Colégio Albert Einstein, participou do projeto pense grande da Telefônica, participou de oficinas de Dança no CEU Cidade Dutra. É formada na sexta turma do Projeto 1º CENA, do Instituto Usina dos Atos, produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas e “As Cores do Caminho”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019.

LORENA PINHEIRO DO SANTOS (18 anos)

Formada no Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos atos, onde teve aulas de Teatro, Dramaturgia, Dança, Comunicação e Repertório. Produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas e “À Procura”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019.

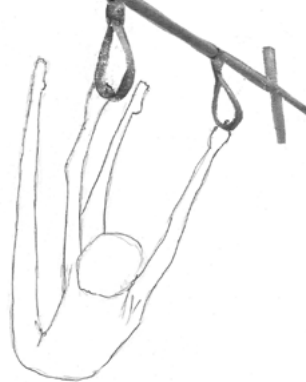
MARIANA DUTRA DE MENEZES (18 anos)

Participou de cursos livres de Ballet e oficinas de pintura, escrita e teatro na Instituição Colégio Demetter, fez aulas de música e treinamento vocal na Cidade Dutra e é formada no Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos atos, onde teve aulas de Teatro, Dramaturgia, Dança, Comunicação e Repertório. Produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas e “Antologia dos Voos”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019.

MICAELE OLIVEIRA DOS SANTOS (18 anos)

Participou de oficinas de Breaking e violão no CEU Vila Rubi. Tem formação em audiovisual e Jornalismo Comunitário pela ONG Periferia em Movimento e é formada no Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos atos, onde teve aulas de Teatro, Dramaturgia, Dança, Comunicação e Repertório. Produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas e “À Procura”, no ano de 2018 e no espetáculo
a temporada





MIRIAN SILVA DE ATAIDE (20 anos)

Fez aulas de Ginástica Olímpica, Dança e Hip Hop no CEU Cidade Dutra, capoeira no espaço Cordão de Ouro, panificação na confeitaria SENAC e Sobei e é formada no Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos atos, onde teve aulas de Teatro, Dramaturgia, Dança, Comunicação e Repertório. Produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas” e “As Cores do Caminho”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019.

ROBSON CORREIA (21 anos)

Formado na área de Informática pela Runaway Projecy, AutoCAD pela Uninove e no Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos atos, onde teve aulas de Teatro, Dramaturgia, Dança, Comunicação e Repertório. Produziu e atuou nas peças “As Mulheres das nossas Vidas” e “À Procura”, no ano de 2018 e no espetáculo “Periferia Esperança”, que teve sua primeira temporada em junho de 2019. Atualmente também está cursando Engenharia Civil na Uninove.

LEONARDO CÍCERO

Atua como arte educador de teatro no Instituto Usina do Atos desde 2016, estando a frente do processo criativo dos textos/espetáculos “Tempo Sem Canto” (2017) e “Periferia Esperança” (2019).

Tem bacharelado e licenciatura em Teatro pela Universidade Anhembi Morumbi, em 2016. Fez cursos extensivos de formação na Escola SP de Teatro; constituiu o Núcleo de Pesquisas Teatrais da Companhia do Feijão no ano 2016; Integrou, em 2016 e 2017, o Núcleo de Pesquisa em Máscaras na Escola Livre de Teatro de Santo André.

Atuou como performer da CompanhiaDaNãoFicção dirigida por Fabiana Monsalú; dirigiu a Cia. Libertus de Teatro com atuação filantrópica em casas de acolhida de idosos em São Paulo; atuou como educador e ator no Centro Cultural Banco do Brasil, em 2014; escreveu e dirigiu espetáculos para as turmas de teatro do Projeto BAC!; E, com a Afeto Cia. de Teatro escreveu e dirigiu o espetáculo “Para onde vai Maria, menino João?”.



EQUIPE

PRESIDENTE

Caio César Teixeira

VICE PRESIDENTE

Manoela Silva

1ª SECRETÁRIA

Amanda Monteiro Turano

2ª SECRETÁRIA

Karen Martins Nunes dos Santos

1º TESOUREIRO

Carlos Alexandre Teixeira

2ª TESOUREIRA

Célia Regina Teixeira

CONSELHO CONSULTIVO

Leonardo Cícero Santos
e Paulo Henrique de Souza Reis

CONSELHO FISCAL

Geisson Valério da Silva
e Patrícia Aparecida das Neves



ÁLBUM













Para receber nossas novidades envie e-mail para:
contato@giostrieditora.com.br